CANTARES DA SERRA

Manuel Cardona

CANTARES DA SERRA

1923
LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA—EDITORA
12, Rua dos Clerigos, 14—PORTO

Para os meus PAES *êste livro;*
Pobre lembrança, é bem certo...
— Quanto mais pobre e mais minha,
Mais de meus PAES *anda perto!*

Pudesse eu pôr nos seus versos;
Como aza aberta num vôo,
Toda a lei cristã da vida
Que a minha MÃE *me ensinou!*

Para a M. A.

MULHER!

Quando em Abril florescem as giestas
Nos montes altos, nas planuras chãs,
Andam na voz das múrmuras florestas
Resas extranhas de orações cristãs.

Em cada flor a abrir ha um poema;
Em cada fonte triste, uma epopeia...
E o sol é um rutilante diadema,
Beijando a rir a vida da colmeia.

E a flor em seu perfume é inconsciente...
E a fonte em seu delirio não conhece
A causa porque vive e porque sente
A mistica razão da sua prece!

Eu fui assim tambem. Amei. Senti.
Longe de mim, meu ser já foi divino...
E agora n'esta hora em que declino,
Nem a Saudade sou do que vivi...

Amar é ter na vida uma outra vida,
— Tão grande que eu não sei nem ninguem sabe —,
Como sendo tamanha é que ela cabe
Dentro duma urna estreita e definida!

. . . .

Do que passou ficou tudo o que vês,
E que eu, Mulher, em tuas mãos deponho:
A alma dum poeta portuguez
Dispersa na poalha d'este SONHO...

SONHO

SAUDADES

Saudades, meu Amor, cantando trago-as
Adentro d'alma, como é lei da vida,
Numa canção imensa e dolorida,
Numa toada mistica de maguas.

Saudades, meu Amor, são como as aguas
Descendo pela encosta adormecida:
Quanto mais tempo perdem n'essa lida,
Mais fundos sulcos cavam entre as fraguas...

Saudades, meu Amor, são violetas
Ocultas sob a relva: a gente aspira
O seu perfume doce e não as vê...

É feita de saudade a alma dos poetas,
E é de saudades feita a minha lira,
Assim tão triste, nem eu sei porquê!

AS CARTAS D'ELA

Sonâmbulo, febril, transfigurado,
Fantasma do que foi, passeia a dôr
Do seu longinquo e dolorido amor,
Na catedral em ruinas do Passado.

E artista visionario, torturado,
—Doido arquitecto e magico pintor—,
Soluça ao ver as telas já sem côr,
E as ogivas do claustro abandonado...

Romeiro da Saudade, pára... avança,
P'ra abrir sobre a paisagem da Lembrança
A iluminada e gotica janela...

Embala a dôr ao longo do Calvario,
E, doido, vai reler sobre o sacrario,
O biblico missal das cartas d'Ela!

VISÃO

Toda a fluidez do teu olhar divino,
Que sôfrego bebi, nem lembro quando,
Anda a animar-me os passos, como um hino
Anima a fé de heroes que o vão cantando!

Ha tanto já morreste, e eu inda ando
A ver na sombra o efluvio diamantino
Do teu olhar, e a ouvir, num chôro brando,
O som da tua voz, mais que divino!

...Desces do céu. Meu ser não é quem sou:
—Astro que segue como tu num vôo,
Astro que a tua luz tornou cèguinho...

...O Mar beija em silencio a areia algente...
Procuro-te na tela do poente,
Já te não vejo, Amor, só te adivinho...

SE FALAS

Se falas, Mulher, escuto
Um côro de anjos no céu:
Lembro a voz, cheia de luto,
Duma vaga que morreu...

Se falas, Mulher, suspenso
Da tua voz que me embala,
Ando entre nuvens de incenso
Perdido na tua fala...

SE SORRIS

Se sorris, Mulher, na graça
Que desprende a tua boca,
Minh'alma paira, esvoaça,
Como borboleta louca...

Se sorris, Mulher, os lirios,
Scismam poemas de amôr,
E na cruz dos meus martirios
Eu sinto mais leve a dôr...

AMOR INFANTE

Fiz de luar um berço e nêsse berço,
Tu embalaste o nosso amôr distante.
Passou o tempo e no luar imerso
O nosso amôr nunca passou de infante...

Não ha ritmo na Vida, oh minha amante,
Nem nos poemas todos um só verso,
Que vibrem essa musica cantante
Da tua voz quando embalava o berço!

Ergueram-se alto catedraes de dôr;
Mas, às sombras claustraes, o nosso amor
Ficou menino sempre na distancia...

E foi melhor assim. Se ele crescesse,
Talvez, oh minha amante, que perdesse
A extranha tentação da sua infancia!

BEIJO

Deixa que a minha boca vá buscar
Á tua boca, alvoroçadamente,
A paz que torne a minha dôr ausente,
A ancia de viver e de lutar!

E mãos nas tuas mãos, no teu olhar
Meus olhos já cansados de descrente,
Quero sonhar um sonho incoerente,
Reascendendo o fogo no meu lar.

Deixa enlaçar-te, meu Amor, assim...
Eu quero ouvir bater, junto de mim,
Teu coração cantando: aleluia!

Um beijo, tu bem vês, não custa nada,
E um só da tua boca desejada
Era p'ra mim a vida em que descria...

MINHA!

Sonhei-te toda minha. No terraço
Dessa lendaria casa sobre o Mar,
Num ancear sem fim vinham quebrar
As ondas quasi mortas de cansaço...

Os lirios e as rosas de toucar,
Punham perfumes brandos no espaço;
E a minha fronte sobre o teu regaço,
Era criança em berço a embalar...

Falavamos do Mar insatisfeito...
Teu busto descaiu sobre o meu peito,
—Nem sabes todo o bem que assim me deste!

...E a vaga ao vir quebrar, já manhã cedo,
Resava a sós, num intimo segredo,
A nota de que enfim me pertenceste!

REMORSO

Fui mau, fui mau talvez... Mas tu que queres?
Se fosses para mim indiferente,
A minha voz diria amavelmente
O que dizer costuma às mais mulheres...

Fui mau, fui mau talvez... Mas se souberes
(Perdôa, Amor, a duvida incoerente)
Ler na minha alma aquilo que ela sente,
Verás que é isto mesmo o que preferes!

...Passar sem que te visse um dia imenso,
Ver-te e dizer-te aquilo que não penso,
Amordaçando o que em verdade sou,

Eis o que fiz ainda ha um minuto...
Não m'o perdoe a tua voz de luto,
Porque a mim proprio eu mesmo não perdôo!

GLOSAS

Eu gosto de ouvir as ondas
Ao Sol-Pôr a murmurar...

(D'uma carta)

Anda na fala das ondas
A Sombra do teu falar.

Oh caravela doirada,
Onde embarquei certo dia
Na aventura desejada
Dum amôr que em mim nascia...
Tinham as ondas cantando,
Uma sobre outras rolando,
Meneios de Giocondas...
Junto ás barcas baloiçando,
Eu gosto de ouvir as ondas.

Eia avante, oh marinheiro,
Desfralda as velas bem alto!
Arma no tope cimeiro
A tua alma em sobresalto!
Ergui minh'alma — era aurora —,
Houve naufragios e agora
N'esta tarde em pleno Mar,
Anda minh'alma, Senhora,
Ao Sol-Pôr a murmurar...

Longe da vida, exilado,
Chamo em vão, oiço-me a mim!
Julguei que ser desterrado
Nunca fôra andar assim...
Mas eu não ando sosinho,
Oiço vozes no caminho,
A tremer escuto as ondas:
— A tua fala, baixinho,
Anda na fala das ondas...

Em tudo, em tudo, Mulher,
No mar, na terra, no espaço,
No meu cansado viver,
Nos versos tristes que faço;
— Como lei da minha vida,
Como luz amanhecida
D'uma aurora a despertar —,
Em tudo anda perdida
A Sombra do teu falar!

DEVOTA

Tua linda cabecinha
Curvadinha sobre o peito,
Tem o feitio perfeito
De cabeça de rainha.

Sobe e alastra-se o incenso,
De mansinho, de mansinho...
E o teu rezar tão baixinho
Anda no aroma suspenso.

De vez em quando levantas
A pequena cabecinha:
Mas ah! não é de rainha,
É a cabeça das santas!

Poisas durante momentos
O teu olhar maguado,
Em Jesus crucificado
N'um Calvario de tormentos.

Pelo teu rosto de neve,
Passa uma nuvem leve,
Toda tristeza e saudade...

E os teus olhos diamantinos
Vejo-os, em sonhos divinos,
Cheiinhos de piedade...

Ponho-me então a scismar,
No meu canto solitario,
Como é grande esse Calvario
Em que vivo por te amar!

Mas ai de mim!, nem tu lanças
O teu olhar de esperanças
Sobre a minha agreste cruz,

Nem nos teus olhos sem magua,
Essa dulcissima agua
Piedosamente transluz...

SENHORA DA ALTIVEZ

Ao ver a altiva e iluminada graça
Do teu sorriso assim tão leve, eu scismo
Como tudo na vida esquece e passa,
E como é vã esta palavra: egoismo.

Na luz do teu sorriso eu encho a taça
Do meu desejo imenso—fundo abismo—,
E endoideço ninh'alma de desgraça
Nesse brando clarão de misticismo!

Meu doido Coração que é mais que Rei,
Senhor de mil dominios — nem eu sei
Aonde fica o ultimo condado —,

Junto de ti, tomado de surpreza,
É como junto aos pés duma Princeza
Um altivo leão domesticado!

SILENCIO

Para o João Maricôto

Silencio... O alem dos sons e da harmonia,
Religioso extase da fala!
A musica suavissima que embala
Imperceptivelmente o fim do dia...

A epopeia da máxima agonia
Já sem lagrima — a dôr veiu secá-la! —.
A alma que a materia morta exala,
Vida que a memorar já não vivia...

Mas no silencio ha vozes. Não queirais
Ouvir as suas maguas, os seu ais,
A sua fala humida de luto!

As vozes do Silencio... Alma, baixinho!,
Só eu as oiço, só, no meu Caminho,
—Ah sou eu que deliro e que me escuto!

DESGARRADAS

Na atitude de quem reza,
Os teus olhos, meu Amôr,
São rosarios de tristeza,
Com contas feitas de dôr.

As contas que eu vou rezando,
Tambem não têm outra côr...

Se choras, eu sinto n'alma
Tuas lagrimas vibrar...
Se cantas, serena e calma,
Minh'alma põe-se a cantar.

És o sol, eu sou a sombra,
És a onda, eu sou o Mar...

As tuas mãos delgadinhas
—Mãos duma lendaria fada—,
Hão de unir-se um dia ás minhas,
Numa Pascoa abençoada...

Como hão-de cantar os sinos
Nessa linda madrugada!

Agua a correr, cristalina,
Onde vaes tu sem parar?
Desces, brincando, a colina,
Entras, brincando, no Mar...

Assim pudesse a Tristeza
Deixar um dia o meu lar!

Sobre a Saudade nem sei
Quanto poema ha já feito;
O meu, que não acabei,
Trago-o aqui dentro no peito...

Hei-de rezar-t'o baixinho,
Meu divino amor eleito!

INUTIL

Cansado de lutar, lembrou-me um dia
Tentar o esquecimento. E satisfeito,
Quiz arrancar, cantando, do meu peito,
A tua imagem doce que sorria.

Meus versos que rezavam a aleluia
Do nosso amôr, e que eu havia feito
Com teu olhar de magua liquefeito,
Com tua voz de timida harmonia,

Rasguei, e quiz compor, alvoroçado,
O poema do olvido e do tormento,
—Poema que fosse o outono de esperanças!—

Mas ah!, quando o reli notei maguado,
Que o meu poema atroz de esquecimento,
Havia sido feito de lembranças!

TEUS OLHOS

Sei que os teus olhos são lindos,
Por toda a gente o dizer...
Mas a sua côr, confesso,
Ainda a não pude ver.

Se acaso um pouco afastado
Eu de ti me encontro, Flôr,
No brilho d'eles, tão vivo,
Nunca posso ver a côr...

Se te fito de pertinho,
N'uma extranha comoção,
Teus olhos que dizem lindos
Não se levantam do chão...

. . . .
. . . .

Dos teus olhos qual a côr,
Assim ando sem saber;
Só sei que são lindos, lindos,
Por toda a gente o dizer...

DESEJO

Ser água do Mar quem dera,
Oh Mulher dos olhos verdes:
Teu corpo em mim se perdera,
Quando na água te perdes...

Vendo as ondas caprichosas,
Das tranças em desalinho,
As ondas do Mar, saudosas,
Põem-se a chorar baixinho.

Eu não sei que extranha graça,
Na praia adeja e esvoaça,
Se a tua boca sorri...

N'uma doida anciedade,
O proprio mar tem saudade
De não ser feito de ti!

RESIGNAÇÃO

Mesmo que o teu olhar viesse agora
Matar todos os sonhos construidos;
Mesmo que a tua voz perturbadora
Não mais me transportasse aos tempos idos;

Mesmo que o teu desdem para mim fôra
D'ora em diante o pão dos esquecidos,
E a hora que vem perto fosse a hora
De escuros desalentos doloridos;

Mesmo por fim que eu fosse desterrado
Da terra onde nasceu o meu passado,
Da terra aonde um dia te encontrei:

Ah podes crer, corpinho de criança,
Que mesmo assim seguia-me a lembrança
Dos beijos que me deste, e que eu te dei!

CANTIGAS

Andava minh'alma errante
Por essa estrada da vida...
Encontrou a alma tua,
Nunca mais andou perdida.

Lenços brancos nas estradas
Acenando à despedida,
São farrapos de saudade
Que prendem p'ra toda a vida.

A tristeza e a alegria,
Andam juntas, mundo alem...
Se uma bate a qualquer porta,
A outra bate tambem.

Tua boca é tão pequena
Qeu eu até ando a scismar,
Como é que hão-de lá caber
Os beijos que quero dar...

Não me importa que me trates
Da maneira que quizeres...
Para mim has-de ser sempre
A mais linda das mulheres.

A tristeza ando a embalá-la
Num berço dentro do peito.
Oh tristeza não acordes,
Coração, embala a geito!

PINTURA

Vestido de carmim, o teu sorriso
Mal me feriu o olhar evaporou-se,
Como se a luz do teu sorriso fosse
O traço dum relâmpago indeciso...

Clarão que alvoreceu e que impreciso
Se diluiu, enigmatico e precoce,
Era vestido a tinta e ela apagou-se
Sem colorir o rude chão que piso!

E vais talvez chamar-me original,
Fora de moda, exotico, banal,
Cavaleiro das éras já extintas,

Se te disser que dentro d'alma trago,
A colorir-me a vida, num afago,
Um riso que não sabe vestir tintas!

POSSE

Passas altiva, fria, e nem reparas,
—Linda Mulher de esfingica expressâo—
Que sob esse montão de sedas caras
Ha-de bater-te um dia o coração!

Nos teus labios de rubra tentação
Meus labios buscarão bebidas raras,
E nos teus seios hão-de, em perdição,
Adormecer as minhas mãos avaras...

Hei-de vencer verás! É talvez breve...
Mas nesse dia, oh muda flor de neve,
Deve apagar-se a chama que em mim arde!

Que fica da Mulher que se possue?
—Nuvem d'oiro que em prata se dilue
Na luz toda outonal dum fim de tarde!

OUTONAL

Angustiadamente a tua voz
Cavou no seu silencio o meu destino,
Nêsse dia de Outono, pequenino,
Em que nasceu o Outono para nós.

E os fios do amor, feitos de nós
A atar-se e a desatar-se, bem declino
Que me ficaram n'alma, em desatino,
P'ra que a Saudade os reatasse a sós!

Quantos Outonos já depois morreram,
E quantas primaveras floresceram
Pondo na Terra a vida como alarde!

...E só p'ra nós o fogo é quasi extinto
Nêsse tranquilo lar, onde eu bem sinto
Que já mesmo a lembrança a custo arde...

AINDA

Nesta tristeza que invade
A alma de quem amou,
Voam alto, num só vôo,
O Desejo e a Saudade.

Nem tudo o Tempo levou,
Pois inda em mim, na verdade,
Anda a branda claridade
Que o teu riso me deixou...

Não te quero, nem me queres,
—Ha mais homens, mais mulheres—,
Mas vê que doidos, meu Bem:

Procuro ver-te em segredo,
E tu buscas, muito a medo,
Ver-me em segredo tambem...

SEI QUE ME LÊS!

T. de G.

Sei que me lês, Mulher! Teus olhos belos,
—Poemas de elegia e piedade—,
Presinto-os, numa funda anciedade,
Por sobre os versos meus poisar-se e lê-los!

As minhas mãos desatam-te os cabelos...
E numa extranha vibratilidade,
Minh'alma liga, doida de saudade,
Do nosso amor distante os pobres elos.

Meus versos são soluços doloridos,
Escritos para ti, n'esta demencia
De reviver ainda os tempos idos...

Sei que me lês, Mulher! Se o não soubesse,
—Vê bem que singular incoerencia—
Talvez até, talvez, não escrevesse!

POENTES DE FÉ

Para o tenente Anibal Vaz

. . . .

Tudo o que fomos passou
No vertiginoso vôo
D'uma aza que é já distante...

E a saudade do que fui
—Onda que avança e reflue—,
Tornou a minh'alma errante...

ERMIDAS

Vejo-as no topo dos montes,
Branquinhas e pequeninas,
A contemplar as colinas
Dos longinquos horisontes.

E quando em Abril as fontes
Vão cantando entre as boninas,
Adejam lendas divinas
Nas ermidinhas dos montes...

Ermidas da minha terra,
Ermidas brancas da serra
Que adorei na minha infancia:

Hoje só vos posso amar
Quando minh'alma a lembrar
Erra perdida em distancia!

SENHORA DA PIEDADE

Senhora da Piedade,
No vosso manto de lirio
Aceitai o meu martirio
Feito de magua e saudade.

Em vossos olhos maguados
—Baços de tanto sofrer—,
Teem sempre os desgraçados
Lagrimas para beber...

Mas ai de mim! Já não creio
Que caiba no vosso seio
Toda a minha magua imensa...

Do meu passado distante
Sou um pobre viandante
Curvado pela descrença!

SENHORA DA ESPERANÇA

Eu fui um crente, Senhora,
Em tempos que já lá vão,
E ao recordar-me d'outrora
Tenho de mim compaixão!

Se ainda soubesse agora
Soluçar uma oração,
Pedir-vos-ia, Senhora,
Humildemente perdão.

Nada creio neste mundo,
Sou um doido vagabundo
Sempre a errar constantemente.

Ter esperança é viver...
Ai quem m'a dera inda ter,
Quem me dera inda ser crente!

CRUZES SOLITÁRIAS

Nos solitarios cruzeiros
Dos atalhos coleantes,
Andam as almas errantes
De infelizes caminheiros.

Como espessos nevoeiros,
Confusas lendas distantes
Vão contando aos viandantes
As historias dos cruzeiros.

Na estrada da minha vida,
Uma lenda incompreendida
Tristemente vai pairando

Sobre cruzeiros gigantes,
Onde os meus sonhos errantes
Se finaram soluçando...

ÁGUA DAS FONTES

A tristeza indefinida
Que passa no vosso canto,
Vai orvalhando de pranto
A relva quási sem vida...

Sois a eterna constrangida
Num martirio sacrosanto:
Cantar, quando em vosso canto
Anda a tristeza perdida...

Á vossa passagem, lirios
Vão desfolhando martirios,
Numa magua cruciante...

Só eu não tenho quem chore,
Só eu não tenho quem ore
Por minh'alma agonisante!

ÁGUA DOS RIOS

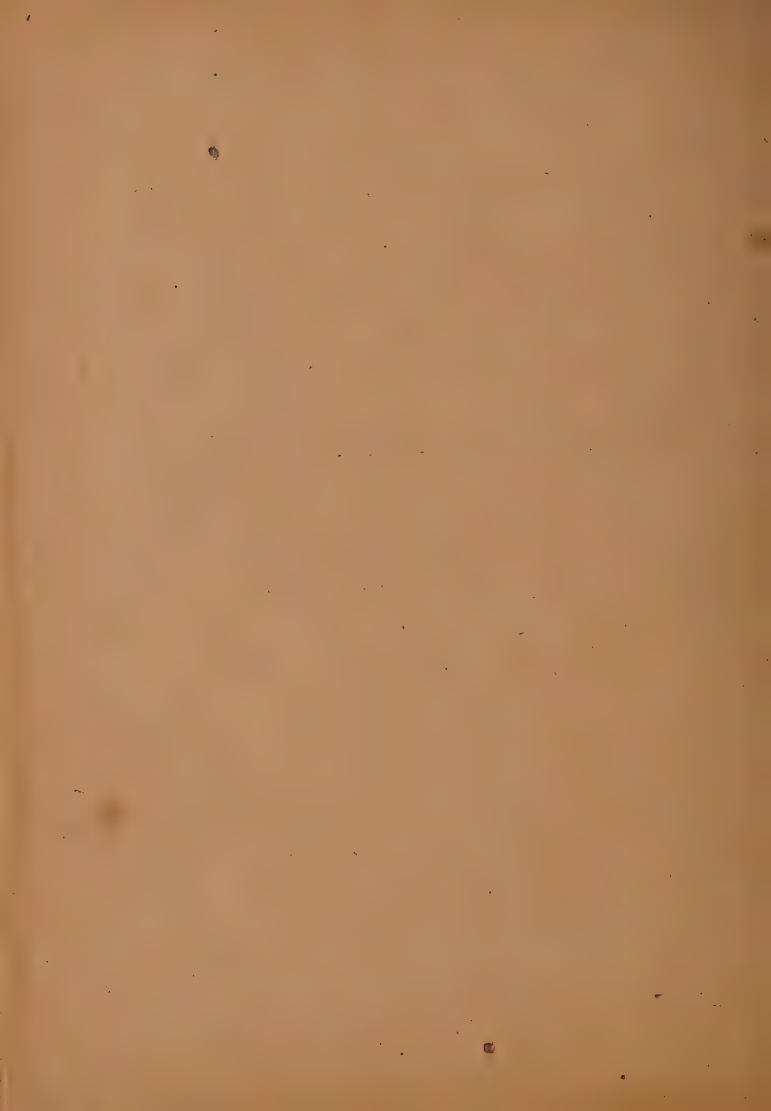
— « Mal sae a agua das fontes
Logo a beijam passarinhos...
Desce, cantando, dos montes,
Por não andados caminhos.

Só eu beijo, pobre eleita
De entristecido fadario,
O lodo negro que enfeita
As dobras do meu sudario... » —

Como vós, agua dos rios,
Tambem meus versos sombrios
Choram a mesma ilusão!

Como vós tambem só beijo
O meu longinquo desejo
Dos tempos que já lá vão!

MINHA TERRA

Para o Manuel Godinho
e José Praça

A minha aldeia é princeza
Nas serras de Traz-os-Montes,
Onde a Terra eleva a Deus
Orações na voz das fontes.

Sou da Serra, sou Serrano,
Choro e rio — sei sentir.
O vôo altivo das aguias
Deu-me a ancia de subir!

MINHA TERRA

Minha terra, minha terra,
Minha pequenina aldeia:
São ninhos brancos na serra
As casas — uma mão cheia! —

Que largueza de horizontes!
(Olhos, olhae que cansaes...)
São montes, montes, mais montes,
São vinhedos, pinheiraes...

E como benção sagrada,
Na casinha socegada
Do mais pobre lavrador,

Ha pão na arca de pinho,
Ha uma pichorra de vinho,
Louvado seja o Senhor!

RIO CORGO

Num eterno e amargo chôro,
De pedra em pedra saltando,
Vão tuas aguas buscando
As aguas turvas do Douro.

Mas nos açudes, a dôr
Que rezavas inda ha pouco,
Num sonho que te faz louco,
Muda-se em cantos de amôr.

E lembras então, sorrindo,
Que pelo vale seguindo,
Em tardinhas feiticeiras,

Miras em doce segredo,
E a tremer de amor e medo,
O corpo das lavadeiras...

ULMEIROS DO RIO

Ulmeiros, monges esguios,
Sepulcros vivos de magua,
Teem sonhos fugidios
Nos beijos da tua agua.

Fantasmas tristes ouvi-os,
Numa dolorida fragua,
Chorar em cantos sombrios
Toda a sua imensa magua:

«—Somos a ancia infinita,
Nossa copa de desdita
Em vão busca os labios teus...

E quanto mais nós tentamos,
Tanto mais os nossos ramos,
Se erguem à cata dos céus!—»

MOINHOS

A girar, sempre a girar,
Os moinhos todo o dia,
Contam à agua fugidia
Historias de enfeitiçar.

A rodas grandes cantando,
Dizem na sua canção:
— « Tantas creanças sem pão
Em nós os olhos fitando! » —

E cá fóra a moleirinha,
Toda branca de farinha,
Vai pensando, num tormento:

«—Os amores são como os rios,
Sempre a correr fugidios,
Para o Mar do esquecimento...—»

FONTES

Nos atalhos solitarios,
Ou mesmo nos povoados,
As fontes são os sacrarios
De segredos não contados.

Ouve a gente a sua fala
Duma caricia tão mansa,
Que mais parece que embala
O berço duma creança...

Nem outra podia ser
A voz que em sonhos delira
Nos poentes torturados...

Nem outra podia ser
A fala de quem inspira
Conversas aos namorados...

NOITE DE NATAL

Crepita o fogo no lar,
Sobe rubro até às telhas,
E as suas linguas vermelhas
Têm desejos de cantar!

Que doces lembranças velhas!
Perde-se a ideia a sonhar...
Enquanto o fogo no lar
Sobe rubro até às telhas!

Batem à porta... — «Um mendigo?!,
Seja bemvindo, amigo,
Tenha a bondade de entrar. — »

...Que santa noite de Festa!
—Junto à meza, a mais modesta,
Ha sempre vago um logar...

Á LAREIRA

Canta a chuva nos telhados,
E o frio anda lá fóra.
Velae pelos desgraçados
Minha divina Senhora!

Contam-se historias de mouras
Ha tanto e tanto encantadas...
Contam-se historias de fadas
E de princezas tão louras...

. . . — «Por todos os desgraçados,
Pelos que andam embarcados,
Padre-Nosso, Avé-Maria. . .

«Sob guarda Deus os tenha. . .»
— Oh Rosa, deita mais lenha,
Jesus, que grande invernia!

CANTIGAS DO POVO

Para as raparigas da minha aldeia:

Estas cantigas singelas,
Talvez toscas — são da serra —,
Foram feitas para vós,
Oh mulheres da minha terra.

E tranças soltas ao vento,
Na boca francas risadas,
Cantae-m'as pelas vindimas,
Cantae-m'as nas esfolhadas...

Rolinha, não faças ninho
No mais erguido pinheiro:
—Amôr que sobe mais alto
É o que morre primeiro...

Amores que tive escrevi-os
Em verdes folhas dos prados;
Veiu o outono, folhas secas,
Meus amores foram levados...

Mas deixa estar que este agora,
—Minha pomba feiticeira—,
Hei-de escrevê-lo bem alto,
Nas folhas d'uma oliveira...

Cantigas ao desafio,
Eu tambem as sei dizer...
Senti-las só eu as sinto,
Cantá-las, canta-as quem quer!

Oh lua cheia tão alta,
Alumia mais baixinho:
Tem pena do meu amôr
Que se perdeu no caminho.

As cartas que me escreveste
Somam treze, ruim conta:
Se por ti fôr desgraçada,
É coisa de pouca monta...

Como é que me hei-de fiar
Nas palavras que disseste,
Se um dia me has-de fazer
O que às outras já fizeste!

Se Portugal é pequeno,
Mais pequeno é o meu peito,
E o coração traz-te n'ele
Arrumadinho com geito...

Disseste-me o teu amôr,
Junto da fonte, à noitinha;
Ouviu-o a agua e levou-m'o,
Eu fiquei assim sòsinha...

Vaes p'ra soldado. Inda bem.
Não choro nem tenho dôr:
— Talvez que longe da vista,
Saibas o que é ter amôr...

OS EMIGRANTES

Para o João Fonseca

OS EMIGRANTES

Vejo-os partir. Nas curvas das estradas,
Os lenços, doidamente,
Soluçam as nostalgicas baladas
De quem parte cantando, amarguradamente...

Velhos, em cujo rosto a fome e o desalento
Mataram epopeias de esperanças...
Creanças,
Tendo no olhar inquieto e n'alma inda em botão,
A incompreendida luz do sentimento
Duma ilusão...

Partem quasi à noitinha. As lagrimas, na treva,
Podem rolar, podem caír sem medo
De desvendar o tragico segredo
Da murmurante leva...

E em horizontes largos de distancia,
Na paisagem brumosa de outras eras,
A Ideia evoca, a Ideia chora, a Ideia reza,
Em notas de tristeza,
Todo o poema azul da Infancia
Florindo primaveras!

Olhar que vara a noite e se prolonga
Por vales, por encostas, por silvedos;
Ouvido que se infiltra e que se alonga
Atravez dos fechados arvoredos;
Alma que se desprende e que esvoaça
Nas coisas onde o tempo nunca passa,

Querem beijar, levar num grande beijo,
—Que lhes custasse embora a propria vida—
Toda a paisagem extremecida
Do seu desejo...

Em cada casa, em cada monte, em cada prado,
Farrapos de lembrança acenam, em delirio...
E o vento leva o elegiaco martirio
De quem memora e chora angustiado:

«—Ali,
Naquela curva aonde o rio canta,
E róla turbulento, despenhado,
A casa onde eu nasci.
Fóra, no eirado branco, de lageado,
A minha mãe,—oh dolorida santa!—,
Nas tardes de Dezembro,
Buscava o sol para fiar o linho
Ao seu calor brandinho...

Perdidas na distancia inda relembro
As noites de lareira socegadas:
Lá fora o vento a uivar imprecações;
Dentro, rosarios de orações
E as historias sem fim das mouras encantadas...
Depois...—»

Tecla que fere a nota da tristeza,
Grito que acorda um sonho perturbante,
Tomada em sobresalto, de surpreza,
Brada uma voz de infante:

«—Avô! Avô!, a mãe porque é que chora
E, doida, diz adeus ás casas e aos ramos?!
Então nós vamos
Por esse Mar sem fim, pelo Mar largo fóra,
Para não mais voltar?!
E lá nessas paragens, nessa terra,
Não ha ermidas brancas sobre a serra,
E vinhas pela encosta e rios a cantar?!—»

Silencio de opressão! Chora a tristeza
Poemas de saudade em cada peito...
E um soluço que aflora aos labios, já desfeito,
Vae para responder... e a voz sente-se prêsa!

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

Já rompe o dia. A luz da madrugada
Projecta sobre o Caes a sombra d'um navio.
Barcos à vela descem pelo rio
Em direcção ao Mar.
Uma voz brada:
—«Partida!»—
N'um derradeiro adeus,
A vista liquefeita e confrangida,
Abrange a terra, abrange o Mar, abrange os céus!
Crispam-se as mãos aos ferros da amurada;
N'uma electrização de dôr, convulsamente,
Contrae a boca um rictus infernal!
E uma voz rouca, imensa, histerica, fremente,
Delira angustiada:
—«Adeus oh minha Terra, adeus oh Portugal!

JOAQUIM LOPES

desenhou a capa

INDICE